

Paidéia e Politéia em Aristóteles

JUSSEMAR WEISS*

RESUMO

Este artigo busca explicar como em Aristóteles os conceitos de Paidéia e Politéia se relacionam, a partir de uma análise que faz o autor da Política. Aristóteles considera de suma importância a preparação formal da juventude para o bom funcionamento da cidade. Nesse sentido, ele procura demonstrar que PAIDÉIA E POLITÉIA são conceitos fundamentais para o entendimento de sua concepção de PÓLIS.

PALAVRAS-CHAVES: cidade, educação, política, democracia, ensino, participação, formação.

1 – INTRODUÇÃO

Se Aristóteles é tido, desde a Idade Média, como o mestre dos que sabem, na história da educação ele não é considerado como o mestre dos que apreendem ou mesmo dos que ensinam. A evolução do movimento educativo na Grécia parece parar antes dele, e renascer, após ele, na tradição humanista. Partindo da tradição aristocrática, a pedagogia grega segue uma longa linha de desenvolvimento, que inclui a criação de uma teoria educativa e de uma idéia de cultura pelos sofistas e que chega a Platão, Isócrates e Xenofontes nas tradições aristocráticas primitivas, impregnadas de uma nova forma de intelectualidade.

Jaegger mostrou que o nascimento e a evolução do conceito de cultura universal "resume toda a história da educação grega, da ética e da política reunidas, sendo, isto, uma das principais características da Paidéia"¹. Ele situa o ponto de partida no ideal de cultura dos sofistas e o prolongamento na divergência que fundou duas tradições que, de alguma maneira, chegaram até nós. "Platão e Isócrates retomam a

* Professor do Dep. de Biblioteconomia e História; professor do Mestrado em Educação Ambiental, FURG; pesquisador ligado ao GAPE, UFPel, realizou estágio de pesquisa na Universidade Paris 8. E-mail: jweiss@plug-in.com.br

¹ JAEGER, W. *Paidéia: la formation de l'homme grec*. Paris: Gallimard, 1960. p. 336.

concepção dos sofistas de cultura e a modificam cada um a sua maneira"², instalando por um longo tempo um equilíbrio instável entre as vias rivais da filosofia e da retórica.

Aristóteles se encontra, assim, evitado, fora de rota, como se sua contribuição pedagógica não tivesse nada de original. Certamente, ele organizou o abundante material criado pelos sofistas, ele ensinou seguindo o que poderia estar no Fedro, uma concessão de Platão a Isócrates, aceitar a retórica na academia. Aristóteles, inclusive, testemunhou o ensino oral de Platão na velhice. O que leva a uma concepção de que Aristóteles nada acrescentou à pedagogia é que teria apenas organizado e compilado os métodos de educação de sua época. Nada mais parcial. É ele que anuncia pela primeira vez a necessidade de o legislador tratar obrigatoriamente da educação, possibilitando, assim, uma série de legisladores da educação que aparecerão durante o período helenístico.

Mas Aristóteles fez mais, ele inaugurou uma distinção essencial entre conhecimento propriamente dito e saber escolar. Com Platão na academia, a separação entre os avanços da ciência e o ensino não tinha significação: "A ciência existe, certamente, fora de nós, nas idéias, e o problema é de adquirir antes do que construir"³. O ensino coincide com o método da pesquisa filosófica. É com Aristóteles que aparece, no pensamento grego, essa distinção entre alta ciência e seu duplo pedagógico, o saber que compõe os programas escolares. Aristóteles sabe que a filosofia não é um *métier* para qualquer um. Isto acontece porque nosso autor introduz mudanças no conceito mesmo de educação, ligadas de uma forma indissociável, de um lado, às modificações que opera a partir de seu distanciamento do platonismo, e, de outro lado, às suas próprias práticas de ensino. A sucessão e a diversidade de situações pedagógicas conhecidas por Aristóteles são significativas. Aos dezesseis anos, torna-se um discípulo zeloso de Platão, em Atenas, na Academia, passando rapidamente de sua condição de discípulo à de professor, que lhe confere Platão, ministrando curso de retórica. Ao mesmo tempo ele realiza pesquisas e estudos e redige suas primeiras obras, e pouco a pouco se separa de seu mestre. Aos trinta e sete anos ele já tinha sido alternadamente discípulo e mestre. Deixa Atenas e funda, em 347, em Assos, uma verdadeira escola, para onde vão seus antigos alunos de Atenas, como Teofrasto. Este período é de intensa atividade no ensino como na pesquisa, principalmente biológica. Ele se dedica, nos doze anos do

² Id., *ibid.*, p. 348-349.

³ LOMBARD, Jean. *Aristote: politique et education*. Paris: L'Harmattan, 1994. p. 11.

liceu, à pesquisa, à escrita e ao ensino. Estas atividades andam e progridem em conjunto. Para Lombard,

É provável que os cursos ministrados aos alunos conduzissem o professor a modificar ou a enriquecer algumas de suas obras, como também a redigir outras. A pesquisa influencia o ensino, que influencia suas obras. Nesta época ele teria escrito *METEOLOGIA*, terminado o tratado *DAS PARTES DOS ANIMAIS* e redigido *DE ANIMA*, *A GERAÇÃO DOS ANIMAIS*⁴

Estes tratados, redigidos nessa época, demonstram a ligação constante entre ensino e pesquisa no liceu, o que fazia o ensino aristotélico diferente do modo platônico de conduzir a vida intelectual na academia. Um interesse constante pela educação atravessa a vida e a obra aristotélica, o que mesmo sua relação malsucedida com Alexandre não abalou. Diógenes Laércio, em seu livro *A Vida de Aristóteles*, sublinha bem essa preocupação do mestre com o ensino. Quando Aristóteles elabora um curso, não se trata, como bem disse Bodéus,

de um curso no sentido moderno, curso ao qual assistiram alunos preocupados em tomar notas do pensamento do mestre, em vista de um estudo posterior. Não se trata de informar, de entornar os espíritos dos ouvintes um conteúdo teórico, mas de formá-los, e trata-se também de realizar uma investigação comum. Aristóteles espera de seus alunos uma discussão, uma reação, um juízo, uma crítica.⁵

O ensino é, antes de tudo, diálogo. Os textos de Aristóteles que nos chegaram são notas de preparação de cursos, aos quais se acrescentam correções e modificações do próprio Aristóteles e de outros membros da escola. Para Aristóteles, é preciso calma, tempo para fazer nascer o saber⁶. Frequentar longamente os conceitos e métodos, observar os fatos. É necessário experimentar demoradamente as coisas para conhecê-las. Sem esse esforço pessoal, o ouvinte não assimilará os discursos, e eles lhe serão inúteis⁷. A origem e a vocação da educação se localizam na idéia mesma de felicidade, que é, como se sabe, o ponto de partida da *POLÍTICA COMO DAS ÉTICAS*.

É nesta relação com a Pólis que a reflexão aristotélica sobre a educação adquire toda sua importância, no sentido em que situa os

⁴ Id., *ibid.*, p. 12.

⁵ BODEUS, R. *Le philosophe et la cité: Recherche sur les rapports entre morale et politique dans la pensée d'Aristote*. Paris, 1982. p. 162.

⁶ ARISTOTE. *Éthique à Nicomaque*. Paris: Vrin, 1990, VII 1147 a 21-22.

⁷ HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999. p. 136.

processos educativos no seio mesmo de sua preocupação com a vida política, como realização da condição humana.

PAIDÉIA E POLITÉIA são conceitos construídos em um mesmo esforço de entendimento da condição humana para além de uma percepção platônica, já que, para ele, os deveres dos indivíduos, as noções de bem e de mal dependem dos fins perseguidos pela cidade. Também esta junção entre Paidéia e Politéia acontece em função da visão de Aristóteles de que, na ordem prática, não basta somente saber, mas também praticar e exercer a virtude. Há duas categorias de ouvintes. Os primeiros já têm predisposições naturais para as virtudes ou receberam uma boa educação. Para estes, os discursos morais podem ser úteis. Os segundos são escravos de suas paixões, e, neste caso, o discurso moral não terá nenhuma eficácia sobre eles. No último capítulo da *Ética a Nicômaco*, este tema aparece desenvolvido com profundidade.

2 – EDUCAÇÃO E ESTADO

É para eles, os homens comuns, que se volta Aristóteles; para estes que, embora sem vocação para a filosofia, e que devem tornar-se bons cidadãos, é que se faz necessário pensar a pedagogia como função do estado. Na falta de virtudes naturais, é preciso inculcar bons hábitos pela educação. Dessa forma, a pedagogia aparece como um tipo de política subordinada à ciência suprema como a estratégia, a economia, a retórica. A pedagogia e moral são colocadas no mesmo plano. A moral como uma política aos adultos, e a pedagogia como a política aplicada às crianças e adolescentes. Isto não significa que Aristóteles confunda moral e educação, uma diferença as separa. Ele trata à parte a moral, enquanto a pedagogia e o sistema educativo são inteiramente integrados à política. Isto acontece porque o papel do Estado é muito mais importante na formação das crianças do que dos adultos, cujo processo educativo já está concluído. Enquanto uma disciplina da POLÍTICA, a pedagogia deve olhar para além da educação das crianças, tratando de tudo o que pode modificar, por pouco que seja, o futuro da PÓLIS. Assim diz ele:

como cada família é uma parte da Polis, assim a virtude da parte deve ser considerada em relação ao todo. É necessário construir uma educação das crianças e das mulheres fixando o olhar na constituição da cidade, já que importa para o bem do estado que as crianças e as

mulheres sejam cheias de ardor pelo bem⁸.

A educação deveria ser, na medida do possível, um serviço do estado. A política deve prolongar na educação e no limite do necessário, pela coerção, a tarefa da ética, que é conduzir os homens à virtude⁹. A pedagogia tem por fim construir, manter e desenvolver a cidade, e por isso ela se liga à política. Porque o Estado é o educador supremo, é que a educação, ela mesma, contribui para formar o Estado. Em seu fundamento mesmo, é a cidadania que forma o quadro de todo o projeto educativo da POLÍTICA. O cidadão é um meio a serviço de um fim, que é a sociedade política.

A educação não pode ser livre e não pode ser individual, porque tem um fim único para o Estado, e "cabe ao Estado cuidar para que a educação seja uma e idêntica para todos"¹⁰. Dito de outra forma, "As coisas que interessam à comunidade sejam objeto de um interesse comum"¹¹. A educação e as atitudes que ela engendra são necessárias não somente para edificar ou construir a constituição, mas também para ter em vista a prática da virtude, que exige uma iniciação. O papel do Estado educador é o de criar ou de reforçar os costumes e atitudes, conforme o espírito da constituição. Sem uma cultura legal, a lei é fraca. Diz Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*:

De todos os meios para assegurar a duração de um regime o mais importante é aquele que todomundo negligencia atualmente: é o sistema de educação conforme um regime. Não se terá nenhum benefício das leis, mesmo que sancionadas por unanimidade dos membros da cidade, se estes últimos não têm hábitos e atitudes e uma educação no espírito da constituição.¹²

Por exemplo, "uma cultura democrática engendra uma democracia"¹³. Esta afirmação aparece também na *Política*, no livro 5, parágrafo 9, linha 1310a. Mas, observemos, Aristóteles não está dizendo que a educação deve apenas ajudar ou corroborar o regime vigente, não são os pontos de vista de um partidário que será a matéria educativa, mas valores para melhor compreender. Diz Aristóteles: "ter

⁸ ARISTOTE. *Politique*. Paris: Vrin, 1995, trad. Tricot, p. 81, I, 13, 1260 b.

⁹ AUBENQUE, Pierre. Théorie et pratique politique chez Aristote. In: LA POLITIQUE D'ARISTOTE: Entretiens sur l'Antiquité Classique, tome 11, Sept Exposés et Discursions, Vandoeuville – Genève, 31 août – 5 sept. 1964, p. 105. Fondation Hardt.

¹⁰ ARISTOTE. *Politique*, VIII 1, 1337a.

¹¹ _____. VIII, 1, 1337 a 27-28

¹² ARISTOTE. *Éthique à Nicomaque*. Paris: Vrin, 1310 a 12, trad Tricot, 1990.

¹³ _____. *Politique*, VIII, 1, 1337, 16, p. 551.

recebido uma educação conforme a constituição, é fazer não o que agrada aos oligarcas ou aos partidários da democracia, mas o que lhe permite viver melhor no dois regimes". Para a democracia, a pior educação, aquela que é realmente contrária aos princípios democráticos, é a que confunde, ou define mal, a liberdade com licenciosidade. Em uma democracia, cada um vive como entende ser o melhor, e, seguindo as palavras de Eurípedes: "vá onde seu desejo o conduzir. Mas isto é uma atitude condenável, pois é preciso crer que viver conforme a lei não é para o homem uma escravidão, é na realidade sua segurança."¹⁴ Estas frases mostram, de forma clara, o lugar dos processos educativos na consolidação de valores e práticas, mas, ainda na composição de uma cultura de respeito à lei, é preciso ensinar a liberdade como respeito ao instituído, sendo esta a única forma de fazer durar a liberdade. Os efeitos da educação vão além de um simples colocar em acordo ou em conformidade cidadãos e regime. As características naturais e/ou jurídicas de cada estado engendram, evidentemente, organizações diferentes em matéria de educação. A divisão de poderes políticos entre classes, a qual se fundará sobre a igualdade ou a exclusão, constituirá regimes variáveis, e esses regimes criarão sistemas de educação particulares. Colocar a PAIDÉIA em acordo com a POLITÉIA é um princípio reafirmado constantemente por Aristóteles. O educador é, então, neste sentido, antes de tudo, um homem de Estado, e o homem de Estado deve ser um educador.

O parentesco entre a pedagogia e a política aparece já em Platão. Trata-se de o Estado agir para que os "princípios educativos não se corrompam". A solução platônica proposta na *República*, de um comunismo de mulheres e crianças, e que nas *Leis* será atenuado, leva a Aristóteles a entender a questão de uma forma diferente e notar que o comunismo educativo de Platão não apenas não resolve a questão, mas também confunde instâncias educativas, já que, ao propor a criação de uma comunidade absoluta, engendra uma irresponsabilidade que compromete a educação das crianças e dos jovens, e, por fim, essa parentela generalizada, como propõe Platão, acaba na própria destruição da cidadania.

Assim, a educação é uma função do Estado e não pode ser realizada conforme as idéias individuais de cada um. Aristóteles parece seguir Platão, para quem as crianças pertencem ao Estado, mais do que àqueles que lhes deram o dia. A República Platônica se opunha a todo individualismo e prescrevia um comunismo para mulheres e crianças, o que Aristóteles rejeitava, já que pensava a cidade como uma pluralidade

¹⁴ _____? Ethique à Nicomaque, 1310 a 35, tradução tricot.

e via o processo de unificação proposto por Platão como muito rigoroso e que terminava por destruir a própria cidade¹⁵. Suas posições são, se comparadas às de Platão, mais moderadas, pois, para ele, unidade não é a mesma coisa que uniformidade. Isto não significa deixar o processo educativo aos cuidados dos pais, que o fariam conforme seu gosto pessoal. Os cidadãos imperfeitos, que são as crianças, devem receber uma educação idêntica, o que seria incompatível com as iniciativas pessoais, que trariam como efeito as divergências entre os indivíduos, deixando crescer, entre os jovens, conflitos que afetariam os interesses da cidade. A relevância da questão educacional para a cidade aparece naquele dispositivo que contribui para a própria definição de cidadão. Este deve ser capaz de ser governado e de governar. Essas duas atitudes, funções, são ligadas, mas a segunda está condicionada pela capacidade de receber uma educação. Ser cidadão significa participar de cargos, do poder, por isso a cidadania corresponde a uma dupla qualidade: ARCHON, ARCHOMENOS, isto é, poder ser indiferentemente governante e governado, ou chefe ou ser chefiado. Somente pela educação se adquire uma cultura necessária à atitude de governar. O que distingue um cidadão de um não-cidadão é, então, a educação, que se encontra não apenas ligada ao funcionamento da cidade, conferindo capacidade de tomar parte na vida política, mas que ela, a educação, é colocada no centro da definição da sociedade política. É ela que permite que cada um disponha de uma fração da virtude, já que as faculdades podem ser desenvolvidas pela educação. É nesse sentido que Aristóteles reconhece a competência do povo, na perspectiva de uma Paidéia. É a Paidéia que torna possível a Politéia, e daí a democracia. A diversidade do corpo social, a ausência da perfeição, que seria a mesma para todos os cidadãos, é tomada como uma especificidade do fato político, cujo reconhecimento é a original reflexão de Aristóteles. Para o nosso autor, o educar é de alguma forma um ato moral. A educação é, talvez, um tipo de ação moral.

3 – EDUCAÇÃO E PAIS

A razão de o processo educativo se concentrar no Estado não é uma simples consequência dos princípios da Política; ele resulta também da incapacidade dos pais para educar para a vida pública. Na *Ética a Nicômaco*, o autor nos mostra, do ponto de vista educativo, ao discutir o primado do público sobre o paterno, a diferente forma de autoridade que o Estado assume e que torna possível a realização da

¹⁵ _____. *Politique* II, 2, 1261 a.

educação. Conhecer e dominar a maldade, as paixões, os instintos, conduzir os jovens em direção à ação certa, supõe a posse de um poder de coerção que somente o Estado possui de forma legítima. "A autoridade paterna não possui nem a força nem o poder coercitivo, enquanto a autoridade pública constitui uma regra que emana de uma prudência e de uma inteligência"¹⁶. A autoridade pública é capaz de fazer, pois o Estado possui uma competência para educar, já que educar seria não somente um *métier* mas uma ciência. Trata-se, em efeito, mesmo, que a educação é idêntica para todos, que a educação do indivíduo tem por consequência adaptar as necessidades particulares a um processo do qual é preciso conhecer a generalidade: "os cuidados, os mais certos, serão dados a um homem tomado individualmente por um mestre que sabe o que convém a todos ou àqueles que entram naquela categoria"¹⁷. Os pais não têm autoridade para educar para a cidade, pois lhes falta uma autoridade e saber para tanto: "os pais são incompetentes para as tarefas educativas consideradas em seus aspectos técnicos e políticos"¹⁸.

O fundamento da prática educativa dos pais se funda na sua especificidade sustentada em sua relação amorosa com os filhos. O amor dos pais é, ele mesmo, fundamento possível de uma ação educativa, e esse amor é semelhante a um processo de produção. Os pais têm em sua condição uma vantagem considerável em relação aos educadores. A função educativa não é da mesma natureza que o exercício de uma tarefa amorosa.

A educação pelo Estado e a educação pela família são dois processos. A *Política* e a *Ética a Nicômaco*, que estudam respectivamente uma e outra, não colocam no mesmo plano esses dois tipos de educação. O papel do pai na *Política* é ligado à economia doméstica. Aristóteles faz uma longa análise política dessa situação do homem adulto a partir de sua autoridade como chefe, determinando as diferentes naturezas dos poderes estabelecidos entre marido e mulher, entre pai e filho. Na *Política*, a autoridade paterna repousa sobre a afeição e a preeminência da idade. Na *Ética a Nicômaco*, ao fim de uma teoria da amizade, a afeição aparece como o fundamento único de uma educação, seguindo a lei da natureza. A educação dos pequenos, na espécie humana, é a realização de uma linha contínua que percorre todo o universo animado. O homem não é apenas um animal político, mas também um animal da casa, do *oikos*. É por isso que o comunismo

¹⁶ _____. *Ethique à Nicomaque*. Paris: Vrin, X, 10, 1180 a.

¹⁷ _____. X, 10, 1180 a.

¹⁸ LOMBARD, Jean. *Aristote: politique et education*. Paris: l'Harmattan, 1994, p. 43.

de Platão não funciona, pedagogicamente falando, pois, como já falamos, confunde práticas educativas de naturezas diferentes, aquelas realizadas pelos pais e as realizadas pelo Estado. Para Aristóteles, é a partir de um saber próprio que os pais devem exercer uma ação educativa, já que conhecem em particular cada um dos futuros cidadãos, seus filhos. A experiência paterna permite a adaptação de uma visão geral, a educação para a cidade, ao particular da vida das crianças. Os pais, como educadores, se encontram colocados, em relação ao Estado, da mesma maneira que os médicos em relação à ciência médica. Os pais levam ao Estado um tipo de ação educativa para as crianças, consideradas como futuros cidadãos. O que se precisa saber em Atenas, como em qualquer outra cidade grega, é qual a maneira e em que medida o Estado aceita a participação da família. Não se educa para si mesmo, como acontece hoje em dia; o ensino não se realiza em vista a um crescimento individual, pessoal. A ação educativa, nas cidades gregas, visa a um fim que é a natureza coletiva, a prosperidade e a felicidade da cidade. O indivíduo serve ao Estado, e o Estado não é visto como na perspectiva moderna, a serviço do cidadão. Observamos que, na educação familiar, o que prevalece é ainda uma visão política de sua função no trabalho de formação dos filhos como cidadãos. Isto fica claro na figura do PÉDONOME, que vigia os pais em suas tarefas de educadores, e examina a maneira pela qual eles exercem o mandato que lhes foi confiado pelo Estado.

Dessa forma, Aristóteles institui para as famílias, como para os professores, um regime de liberdade vigiada, destinada a construir equilíbrios: entre o poder do Estado e as realidades sociais e pedagógicas, entre a orientação comum dada à juventude e a adaptação do ensino à diversidade dos temperamentos, entre o papel concedido à família e as garantias que deve tomar a cidade, que detém um direito exclusivo em matéria de educação. A educação é um "serviço misto que precisa do Estado e da família"¹⁹.

Assim, Aristóteles estima que a educação é ao mesmo tempo função do Estado, como espaço público e da família, espaço privado, isto é, adaptada à diversidade, e que convém ao Estado regulamentar as práticas educativas. Articulando a partir da natureza de cada tipo de educação, Aristóteles pensa evitar a arbitrariedade dos pais e assegurar controle efetivo do ensino pelo Estado. Cabe aos poderes públicos exercerem uma competência direta em matéria de programas e objetivos pedagógicos.

A importância da formação é tal que a prática educativa não é

¹⁹ DEFOURNY, M. *Aristote: études sur la politique*. Paris, 1932. p. 231.

simplesmente um tipo de aplicação de diretrizes oriundas da Politéia. Para Aristóteles, educação exige competência. Na *Ética a Nicômaco*, como também na *Metafísica*, ele parece querer definir isso.

Dessa forma, pode-se notar que, para o autor estagirita, educar e construir uma prática política razoável são momentos de um mesmo movimento de formação do homem. Eles não se confundem, certamente, mas é também certo que não são estranhos entre si.

Pensando por dentro o fenômeno educativo, Aristóteles situa de uma forma clara sua concepção de educação no coração mesmo da Politéia, mostrando, sem sombra de dúvida, que a experiência grega do século V a. C. construiu uma alternativa concreta de ação prática e mental para a vida civilizada.

